

O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: INDAGAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR POLIVALENTE

Angélica de Jesus Batista
Aluna de graduação no curso de
Geografia da UNESP/ OURINHOS

A geografia ao longo de sua trajetória como ciência apresentou mudanças de abordagens e preocupações a fim de explicar com mais consistência a relação dialética entre homem e natureza.

Apesar disso, a geografia no âmbito escolar ainda parece estagnada no viés tradicional que reflete uma disciplina de caráter decorativo e de preocupações superficiais, pois, não insere o aluno como agente transformador do espaço.

Diante disso, a Geografia nas séries iniciais e a formação do professor polivalente são problemáticas que norteiam as nossas preocupações uma vez que nos parece que as pesquisas acadêmicas direcionadas a prática educativa ainda não chegaram com força na instituição escolar, principalmente para os profissionais que trabalham com os primeiros anos do Ensino Fundamental.

O uso do signo Geografia remonta a Antiguidade, no entanto, o seu conceito passou por várias mudanças no decorrer da História do Pensamento Geográfico.

A compreensão acerca do desdobramento da Geografia na prática escolar requer um entendimento das diversas abordagens que a ciência apresentou ao longo do tempo para que a análise possibilite uma visão mais totalizadora.

Desde a incorporação da ciência geográfica em 1930, na grade curricular da educação brasileira, inúmeras mudanças ocorreram. Inicialmente, sob os paradigmas da Geografia tradicional embasadas no positivismo, seu objeto de estudo eram aspectos visíveis do real, mensuráveis e que pudesse ser palpáveis como aponta Moraes (1968).

Num segundo momento, emerge a Geografia Pragmática ou Nova Geografia como as críticas aos pressupostos tradicionais, redirecionam as suas preocupações para um empirismo mais abstrato em detrimento da análise do visível, alicerçado por dados estatísticos.

Neste íterim, a Geografia Crítica emerge da necessidade de propiciar a esta referida ciência uma maior aproximação às vicissitudes sociais e a compreensão das desigualdades existentes.

Neste movimento de mudanças teórico-metodológicas em 1976, o livro de Lacoste, "A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra", indaga a postura alienante e totalmente desvinculada com a realidade, a que foi submetido o ensino de Geografia e denuncia as ideologias do Estado como veículo dominador do saber. Diante desta denuncia, o profissional geógrafo atribui maior relevância a Geografia no âmbito político.

Milton Santos (1978) destaca que "Em verdade não é a nossa visão, de mundo que mudou, o que mudou foi o próprio mundo". Esta reflexão remete-se as mudanças de paradigmas que a Geografia sofreu e ainda sofre ao longo do

tempo afim de explicar com mais propriedades o mundo em constantes mudanças.

A ciência geográfica apresentou muitas mudanças no universo acadêmico, entretanto, temos um longo caminho a percorrer na Geografia escolar, principalmente nas séries iniciais no qual, apontamos a relevância deste estudo.

Diante dessas constatações, observa-se um distanciamento entre os saberes construídos na universidade e o conhecimento escolar. Assim, resta-nos frisar que a instituição escolar deve acompanhar o mundo que está em constantes mudanças o que oportuniza aos educandos uma formação que venha de encontro ao mundo atual. Além disso, a universidade deve viabilizar seus saberes para a sociedade com o caráter de cumprir a sua função social de produção e divulgação do conhecimento.

No tocante, ao ensino de Geografia podemos ainda considerar que esta ciência apresenta uma crise de identidade principalmente no que se refere à formação dos alunos, ou seja, nota-se que há um conflito em compreender a importância da disciplina na grade curricular brasileira. Esses problemas podem se acentuar no ensino de Geografia nas séries iniciais, pois, com uma visão reducionista da importância de cada área do conhecimento o docente polivalente pode priorizar o letramento e compreensão das operações matemáticas, o que contribuirá para a marginalização da ciência em questão. Acrescenta-se a isso, a existência do professor polivalente nas séries iniciais do Ensino Fundamental que tem como função abarcar as diversas áreas do conhecimento. Nestas, existem em seus fundamentos, questões muito peculiares que pode não ser conhecida pelo professor, devido a grande gama de informação. Isso poderá ocasionar uma transmissão superficial do conhecimento.

Segundo Durham 2008, ela aponta os cursos de pedagogia do país como uma “fábrica de maus professores’ cujo, seus alunos saem da universidades com limitações elementares tais como escrever sem cometer erros ortográficos. Além disso, a socióloga cita que as universidades do país supervalorizam a teoria e menosprezam a prática o que contribuem para a formação profissionais aquém da realidade do ensino brasileiro. Acrescente-se a isso, que nos cursos de pedagogia pesquisados os alunos não se interessam em pesquisar sobre o ensino de sala de aula. fator pulsante da prática de ensino aprendizagem.

As questões metodológicas que norteiam o ensino de Geografia e as mudanças dos paradigmas da ciência muitas vezes pode não ser conhecida pelo docente das séries iniciais o que culmina muitas vezes num ensino que prioriza a memorização de locais distantes da vida do educando e o lugar que pulsam em seu cotidiano sequer é abordado. O que demonstra a dissociação da escola em relação às experiências construídas pela criança que antecede até mesmo a sua fase escolar, como aborda Paulo Freire (2000).

Nesta perspectiva, as contribuições de Jean Piaget acerca da psicogênese da evolução do espaço que abarca o espaço vivido, percebido e concebido são essenciais para compreender como a criança aprende o espaço de acordo com seu estágio de desenvolvimento desta maneira, o aprendizado poderá ser mais significativo.

Vygotsky também contribui para a compreensão de como a criança aprende e sua relação com o desenvolvimento intelectual e assim, a

importância da escola como responsável pela mediação entre a criança e o objeto de estudo.

A geografia apresentou mudanças em seu objeto de estudo ao longo de sua história como ciência. Atualmente, se vislumbra a explicar a dialética existente entre sociedade e natureza o que não é uma missão fácil e a faz recorrer a outras ciências.

No entanto, não podemos afirmar que a Geografia é uma ciência de síntese, pois, seria uma visão reducionista. A geografia por apresentar uma visão holística sente a necessidade de recorrer a outras áreas e fazer uma inter-relação para compreender o espaço e suas vicissitudes.

Milton Santos aponta em sua obra “Metamorfoses do Espaço Habitado” a nova remodelagem do Planeta decorrente do meio técnico científico e o papel das ciências diante das transformações. Frisa em particular a importância da geografia em compreender os conflitos que podem impulsionar a sua renovação,

Num mundo assim reestruturado, um papel particular deve incumbir à ciência geográfica – uma ciência do espaço e do homem – e devemos interrogar-nos sobre os problemas que, nessa ótica, se abrem a sua realização, diante do conflito entre tudo o que acarretam os novos conteúdos prometidos à atualização da disciplina e as suas atuais estruturas. Pode-se pensar que a inércia se imporá ao movimento, impedindo-lhe o desenvolvimento, ou se deve acreditar que uma geografia renovada poderá afirmar-se? (SANTOS, 1988 p.4).

Apesar das mudanças, a Geografia ainda vive um grande conflito no que se refere à prática escolar, principalmente pela identidade duvidosa com que esta ciência ainda se apresenta na sala de aula, como mencionado anteriormente.

O movimento da Geografia Crítica que surgiu no meio acadêmico aconteceu de maneira verticalizada para os profissionais da educação o que resultou na superficialidade desta nova abordagem na instituição escolar.

Diante da crise de identidade que a Geografia ainda não conseguiu resolver, se nota uma vulnerabilidade que o senso comum tenta solucionar, o que atribui a Geografia o caráter de descrever fenômenos naturais como relevo, clima, vegetação, dados de demográficos, dentre outros que influi diretamente no processo de ensino e aprendizagem da referida disciplina.

Nesta perspectiva, o cerne dos problemas recai nas questões centrais que deveriam ser norteadoras para os professores: para que se ensina Geografia? E por que aprender Geografia? (STRANFORINI, 2004).

A instituição escolar como aponta a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação tem como dentre outras atribuições: “o pleno desenvolvimento do educando e o seu preparo para o exercício da cidadania” (LDB, 1996). No entanto, daí surge a importância da Geografia sob o viés do ensino. Para o exercício da cidadania o aluno deve compreender o mundo em que vive suas problemática para ser um agente passivo e não apenas espectador das mudanças.

Desta maneira, uma vez que a escola não atribui a devida importância à disciplina geográfica, de certa forma negligencia a formação plena do aluno, já que a Geografia passa a ter um papel de destaque por ser uma disciplina a

possibilitar o acompanhamento das transformações recentes de forma integrada (OLIVEIRA, 1998 *apud* STRANFORINI, 2004 p. 51).

Contudo, surge a indagação de como abordar a complexidade do mundo nas séries iniciais. Acrescenta-se a isso, outra questão, se os professores polivalentes em sua formação metodológica acerca do ensino de Geografia conhecem a importância desta ciência e apresenta o conhecimento de uma didática que permita tornar compreensível para os alunos esta complexidade de entender o mundo proposta pela Geografia.

A partir dessas indagações surgem outros entraves, como dito anteriormente, a crise de identidade na geografia influencia no ensino e constata-se, nas salas de aula, cópias de mapas no papel vegetal e memorização de afluentes e capitais desvinculados com o cotidiano do aluno, o que dificulta o processo de ensino-aprendizagem e contribui para o estigma de uma disciplina de memorização que não prima à totalidade e a dialética da realidade como menciona Callai,

No afã de descrever os lugares a Geografia na sala de aula é uma geografia que fragmenta a realidade, privilegia o natural em detrimento do humano e apresenta o espaço como algo produzido por forças naturais, sem incorporar o homem (a sociedade), o aluno como um ser que tem história, que tem uma trajetória de vida (desde a sua família), e que constrói neste processo um (o seu espaço). (CALLAI, 1995 p. 43)

Mediante a contribuição da Callai (1995), podemos inferir também que o aluno não é inserido nas aulas de Geografia como parte do espaço e também como sujeito que contribui para a transformação do mesmo. Além disso, em sua maioria é ignorado o conhecimento construído pelo aluno que antecede a sua vida escolar e que deveria ser considerado como alternativa de viabilizar a sua compreensão.

Paulo Freire aponta em sua obra de grande relevância que se traduz como conhecimentos indispensáveis para a prática educativa que ensinar exige um respeito em relação aos saberes construído pelo educando e das classes populares;

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (FREIRE, 2000 p.33).

Em detrimento à realidade do aluno surge o livro didático, na qual é encarado como manuais cristalizados cujos conteúdos são preestabelecidos e cooperam para muitos docentes não priorizar outros recursos para enriquecer sua prática,

além de não existir uma tentativa de aproximação da realidade. Acrescenta-se a isso, a neutralidade em que os educadores em sua maioria norteiam a sua prática, o que não deixa de ser uma abordagem ideológica de descomprometimento.

Vale ressaltar uma variante de grande destaque, nas séries iniciais, o professor polivalente está mais preocupado com a disciplina de Língua Portuguesa, pois, a esta fase escolar se primam à alfabetização e o aprendizado das operações básicas em Matemática.

No entanto, as matérias devem apresentar interdisciplinaridade, o professor pode alfabetizar ensinando o aluno a escrever o endereço e conhecer o bairro em que está inserido, por exemplo. Peres dá a sua contribuição neste sentido.

A geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo, portanto, pensar o ensino de geografia em sua função alfabetizadora é tomar as noções de espaço, território, lugar e ambiente como *conteúdos alfabetizadores*. Nesta perspectiva o cotidiano se constitui no eixo articulador de uma prática alfabetizadora em que a aprendizagem da letra está intimamente vinculada à aprendizagem do espaço e as experiências culturais locais da criança (PÉRES, s/d)

Outro grande entrave no ensino de Geografia para crianças que se encontram nas séries iniciais do ensino fundamental é qual abordagem será utilizada. O lugar como ponto de partida para a iniciação dos estudos é um grande expoente defendido em vários trabalhos científicos, no entanto, o estudo do lugar deve possibilitar a direta relação com a totalidade. Assim, o ponto de partida deve ser esta inter-relação entre o lugar e o todo, pois, devido o fenômeno da globalização não existe lugar estanque, o mundo é uma “sociedade em rede”, globalmente interligado, como aponta Milton Santos,

Cada lugar é, à sua maneira o mundo. Ou como afirma M. A. Souza (1995 p.65) “todos os lugares são virtualmente mundiais” Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade (SANTOS, 2006 p. 213)

Carlos (2007), também aborda a importância do lugar e suas peculiaridades sob o viés do vivido, ou seja, o que é experimentado diariamente,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo uma identidade posto que é aí que o homem se reconhece porque lugar é vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. “No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade social. Cada sujeito se situa num espaço real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si (CARLOS, 2007 p. 22).

Os Parâmetros Curriculares trazem também esta preocupação em superar a prática dos círculos concêntricos que delimitam o ensino de Geografia primeiramente pela apreensão da casa, do bairro e posteriormente da cidade e só mais tarde aos acontecimentos de ordem global.

“(...) não se deve trabalhar mais do nível local para o global hierarquicamente (...) A compreensão de como a realidade local se relaciona com o contexto global é um trabalho que deve ser desenvolvido durante toda a escolaridade de maneira mais abrangente, desde os ciclos iniciais” (PCN’S, 1997, p.116).

A fragmentação do estudo com certeza apresenta uma preocupação didática, porém, o aluno não vive no mundo de maneira compartimentada, no seu cotidiano presencia através da mídia acontecimentos globais que o instigam a curiosidade desde muito cedo e os levam a perguntar na sala de aula: “Professora, o que é a Guerra do Iraque?” (pergunta de um aluno de pré-escola, 2003).

Vygotsky apud Oliveira (1997) argumenta que o processo de ensino-aprendizagem será mais significativo se levarmos em conta o nível intelectual em que a criança se encontra, ou seja, se esta já apresenta a maturidade para a compreensão deste objeto que será ensinado e, além disso, devemos considerar o que o aluno já conhece para avançarmos sobre o desconhecido,

O processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e em relação ao um dado conteúdo a ser desenvolvido – e como ponto de chegada os objetivos estabelecido pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimento e habilidades de cada grupo de crianças. [...] a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu desenvolvimento consolidado e tendo como etapas posteriores, ainda não alcançadas (OLIVEIRA, 1997 p.62).

Cavacanti (2006) acrescenta que para desenvolver um modo de pensar geográfico é impreterível que os educando trabalhem com signos e representações para que conseqüentemente forme conceitos que instrumentalize seu pensamento e descubram o significado e aplicabilidade dos conteúdos.

Além das dificuldades apontadas, há a da formação do professor polivalente. Em sua maioria não tiveram uma formação que contemplem questões teóricas estritamente direcionadas para a importância do ensino de Geografia. Esses apontamentos culminam nas dificuldades encontradas pelos professores de Geografia nas séries subseqüentes: “Os alunos da 5ª séries apresentam dificuldades acentuadas de lateralidade” (RELATO INFORMAL DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL NÍVEL II, 2008).

Oliveira (1978), também aponta e argumenta a dificuldade dos professores em trabalhar com mapas. O estudo do mapa requer um processo de alfabetização cartográfica que exige do educador uma formação no tocante ao ensino de geografia, porém, esses professores polivalentes, que ministram aulas nas séries iniciais do ensino fundamental, possivelmente não tiveram uma formação que abordasse essa preocupação em relação à alfabetização cartográfica. Acrescenta-se a isso, que a Cartografia apresenta-se de maneira errônea na prática escolar, o mapa não é objeto de ensino de Geografia, mas um recurso para a aprendizagem cuja, a preocupação central é o “como ensinar” e não “porque ensinar”, agravando a dificuldade de compreensão dos alunos.

Muitas vezes, os professores de primeiro e mesmo segundo grau são inadequadamente preparados na área da Cartografia. Outras vezes, como acontece na maioria dos casos, os professores polivalentes, como são os de estudos sociais, não tiveram durante a sua formação básica preparação em Cartografia. No entanto, entre os principais objetivos da Geografia no currículo escolar figura um que diz respeito à capacidade do aluno em leitura cartográfica, em termos, de desenvolvimento de habilidades de interpretação, manipulação e decodificação dos símbolos, escala e projeção. (OLIVEIRA, 1978, p.75).

Oliveira (1978) acrescenta a necessidade de incluir a disciplina de Cartografia no currículo do professor polivalente para atenuar as dificuldades na prática pedagógica. Paralelamente, o professor deverá utilizar-se dos pressupostos da psicologia educacional segundo a abordagem do desenvolvimento mental do indivíduo, em destaque, o da criança e o do adolescente para compreender os processos de aquisição do conhecimento.

Segundo a teoria piagetiana a evolução da noção do espaço perpassa por níveis peculiares, em consonância a evolução geral da criança na construção do conhecimento, os quais são: do vivido, ao percebido e deste ao concebido. Esses estágios abordam o desenvolvimento da noção do espaço por parte da criança e é de fundamental importância que os professores tenham em seus fundamentos teóricos essas abordagens pra viabilizar o ensino de Geografia.

Nesta perspectiva, a epistemologia genética é de suma importância, pois, nos apresenta alguns paradigmas que estruturam o conhecimento geográfico tais como, o conceito de lugar, cuja criança é levada a analisar e representar através de desenhos o seu lugar de vivência que corresponde ao ponto de partida para o ensino de geografia.

Segundo Piaget é necessário a ação e a transformação para a construção do conhecimento, assim, as atividades devem ser orientadas para contemplar o senso comum e o conhecimento científico. Desta maneira, a alfabetização cartográfica, como destacada anteriormente, é de primordial importância aliada à fundamentação teórica de Piaget acerca da construção do espaço, e atualmente sua aplicação se apresenta como um grande desafio que perpassa pela ausência dessas questões na formação do professor das séries iniciais.

As problemáticas que permeia o ensino de geografia são inúmeras, diante disso, se nota que as pesquisas apesar de serem mais freqüentes atualmente ainda aparecem timidamente.

Como citado anteriormente, a Geografia apresentou mudanças de paradigmas ao longo da história e atualmente sob o viés crítico busca entender a dialética existente entre a natureza e sociedade. No entanto, estas abordagens acadêmicas não chegaram à instituição escolar e, principalmente, as pesquisas que abordam o ensino de geografia e possíveis metodologias nas séries iniciais.

Outro fator que gera bastante indagação é a questão da formação do professor polivalente que ministra várias disciplinas nas séries iniciais. A nossa preocupação está voltada a entender as metodologias da disciplina de geografia aprendidas em sua formação, no curso de Pedagogia, e seus desdobramentos na prática educativa.

Além disso, busca-se entender como este profissional relaciona a Geografia com as outras ciências e trabalha esta complexidade do mundo nos primeiros anos das séries iniciais.

Não se pode desvincular a inserção do ensino de geografia na grade curricular brasileira e as mudanças que ocorreram na educação tais como: o movimento da escola nova, a geografia e suas relação com o construtivismo dentre outras mudanças que provavelmente influenciaram o ensino de Geografia.

Os estudos de Piaget são bastante usados nas pesquisas que tratam o ensino de Geografia iniciados por Livia de Oliveira, no entanto, atualmente existem outros teóricos educacionais que também podem contribuir para a educação e consequentemente para a Geografia. no entanto, ainda não são explorados. Segundo a teoria piagetiana a evolução da noção do espaço perpassa por níveis peculiares, em consonância, a evolução geral da criança na construção do conhecimento os quais são: do vivido, ao percebido e deste ao concebido. Esses estágios abordam o desenvolvimento da noção do espaço por parte da criança e é de fundamental importância que os professores tenham em seus fundamentos teóricos essas abordagens pra viabilizar o ensino de Geografia.

O espaço vivido está associado ao espaço físico apreendido pela criança através dos movimentos e deslocamentos. Já o espaço percebido não necessita de uma experimentação física, pois, a criança que se encontra em fase escolar já consegue perceber o espaço que percorreu entre a casa e a escola. Por fim, no espaço concebido a criança consegue estabelecer relações entre os elementos através somente, de sua representação. Vale lembrar, que a psicogênese da evolução do espaço perpassa pelos estudos de Piaget no que se refere à aquisição do conhecimento.

Diante disso, os estudos de Piaget são de vital importância para o ensino de geografia, no entanto, a sua aplicação em sala de aula se torna um desafio, pois, não era essa a preocupação de Piaget.

Nesta perspectiva, a epistemologia genética é de suma importância, pois, nos apresenta alguns paradigmas que estruturam o conhecimento geográfico tais como, o conceito de lugar cujo, a criança é levada a analisar e representar através de desenhos o seu lugar de vivência que corresponde ao ponto de partida para o ensino de geografia, mas segundo Piaget é necessário à ação e a transformação para a construção do conhecimento, assim, as atividades devem ser orientadas para contemplar o senso comum e o conhecimento científico. Desta maneira, a alfabetização cartográfica, como destacada

anteriormente, é de primordial importância aliada à fundamentação teórica de Piaget a cerca da construção do espaço, que atualmente sua aplicação se apresenta como um grande desafio que perpassa pela ausência dessas questões na formação do professor das séries iniciais.

Além disso, o trabalho de campo é essencial para que o aluno possa conhecer o lugar de maneira orientada e fazer as relações necessárias para a compreensão do todo.

De acordo com essas necessidades apontadas desenvolveu-se na “EMEF Jandira Lacerda Zanoni “ um trabalho de campo no bairro do Itamaraty, nos arredores da escola”. Esta atividade foi realizada com os alunos do 2º ano do ciclo II – 2ª série.

Inicialmente, reconheceram e anotaram o nome da rua em que a escola estava situada e depois as outras ruas no entorno. No decorrer do trabalho de campo foram observados e analisados os estabelecimentos: creche, posto de saúde, supermercado, padaria, cabeleireiro, quitanda, igrejas, dentre outros.

Os alunos fizeram vários apontamentos, alguns identificaram a rua em que moram, outros destacaram que os pais utilizam os estabelecimentos comerciais como, por exemplo, o supermercado durante o dia- a- dia, mas, para realizarem as compras do mês se dirigem ao centro da cidade.

Para concluir, esta primeira fase da atividade, os alunos desenharam seu rosto na folha de sulfite e com um mapa do Bairro do Itamaraty (cedido pela diretora da escola) e arredores localizaram a rua em que mora e a escola.

Esta atividade foi uma alternativa encontrada para superar algumas defasagens encontradas no material didático utilizado pela rede municipal de Ourinhos que iniciam as unidades de Geografia – Paisagem construída e transformada com fotos da cidade do Rio de Janeiro.

A atividade foi muito proveitosa uma vez que, os alunos confundiam o nome do bairro com o nome da cidade e muitos não sabiam sequer seu endereço.

Várias pesquisas que tratam do ensino de geografia defendem a sua importância prioritariamente por ser responsável pela leitura do mundo e construção da cidadania.

Nas séries iniciais os professores polivalentes se empenham a ensinar ao educando a escrita e leitura da língua materna, no entanto, qual a importância desta prática? Com certeza é de situar este cidadão no mundo para que ele compreenda o que está em sua volta.

Na fase das séries iniciais o professor deve propiciar ao aluno atividades que o ajude a responder quem sou eu? Onde moro? Qual a minha cidade?. Estas atividades devem ser associadas à alfabetização escrita, mas, também do mundo e assim, se realiza inicialmente uma educação geográfica contextualizada

Para Callai (2003) o estudo do município passa a ser significativo nesta fase escolar cujo, o concreto auxilia a assimilação dos conteúdos.

Estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está vivendo. Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que se faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar[...]É uma escala de análise que permitem que tenhamos próximos de nós todos aqueles que expressam as condições sociais, econômicas, políticas do nosso mundo. É uma totalidade considerada no

seu conjunto, de todos os elementos ali existentes, mas, que, como tal, não pode perder de vista a dimensão de outras escalas de análise.
(Callai e Zarth, 1988,p.11)

O estudo do local só será eficaz se inter-relacionarmos outras escalas de análise para que se torne possível à compreensão do global.

O aluno da série inicial ao estudar a sua cidade conhecerá a sua história, o processo de formação de seu município, a atividade econômica principal de sua cidade e a justificativa porque desta atividade em detrimento da outra, as relações sociais, a cultura da sua cidade, dentre outros. Nesta atividade de construção espacial o professor deve viabilizar a aproximação dos conceitos da geografia, atividades que envolvam pré-mapas e mapas mentais.

Apesar de sabido e divulgado em inúmeras pesquisas a importância da alfabetização geográfica resta-nos geógrafos e educadores em geral nos questionarmos sobre como está os desdobramentos do ensino de geografia nas séries iniciais e a formação do professor polivalente em nossos estudos.

SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental** – Introdução dos Parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia Um Certo Espaço, Uma Certa Aprendizagem**. Departamento de Geografia – USP, São Paulo, 1995 (Tese de doutorado).

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais in:**Geografia em sala de aula e práticas e reflexões:praticas e reflexões/org**.Antonio Carlos Castrogiovanni...[et al.]-4.ed.-Porto alegre:Editora da UFRGS/ Associação de Geógrafos Brasileiros-Seção Porto Alegre, 2003.-Organizadores: Helena Copetti Callai, Neiva Otero Schäffer, Nestor André Kaercher.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa** 15 ed. Paz e Terra, São Paulo.

LEI FEDERAL nº 9394/96 – **Estabelece as Leis de diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

LÚCIA, C. **Leituras cotidianas e espaços praticados: imagens no conhecimento do mundo. Uma reflexão teórico-metodológica sobre a função da Geografia nas séries iniciais da educação fundamental**. SEM DATA.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **GEOGRAFIA pequena história crítica**. Annabulme – São Paulo ,2003.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. Instituto de Geografia – USP São Paulo, 1978 (tese de doutorado).

OLIVEIRA, M. K. de; VIGOTSKY. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PEREIRA, D. Geografia escolar: uma questão de identidade. In: **Ensino de Geografia**. Org. RUFINO, S. M. V. C. Campinas: Papyrus, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 1978.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annanuble, 2004, p. 47 - 73.

Weinberg, Mônica. **Fábrica de Maus Professores**. Revista Veja Edição 2008.